



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017
3 - 8 Diciembre / Montevideo
Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

UMA ANÁLISE DAS PERSONAGENS PROSTITUTAS DA OBRA *ESTÓRIA DE LÉLIO E LINA* DE JÓAO GUIMARAES ROSA

Gabriela Szabo
gabrielaszabo@hotmail.com
Universidade Federal do Paraná
Brasil

Resumo

O objetivo desse trabalho é analisar a imagem construída da prostituição na obra *A estória de Lélío e Lina*, conto da obra *Corpo de Baile* (1956) de João Guimarães Rosa. Será um trabalho sinuoso, pois se tentará apanhar os significados que estão por debaixo dos fatos banais que são contados pelo narrador, ou até mesmo, por de trás de suas omissões: sob uma camada de cordialidade há uma crueldade gerada pelo preconceito de gênero e de cor. Tentaremos demonstrar como a idealização do mundo da prostituição construída por esse narrador e personagens serve de azeite para as engrenagens do mundo da opressão patriarcal, que tem como centro de recreação o prostíbulo.

Abstract

The objective of this study is to analyze the constructed image of prostitution in the text *A estória de Lélío e Lina*, of *Corpo de Baile* (1956) by João Guimarães Rosa. We will try to demonstrate how the idealization of the prostitution world constructed by that narrator and characters in both works, serves oil to the gears of the world of patriarchal oppression, which has the recreation center the brothel.

Palavras-chave: patriarcal, prostituição, mulher
Keywords: patriarchal, prostitution, woman

INTRODUÇÃO

É inegável a importância da obra de Gilberto Freyre para a discussão antropológica da cultura brasileira, estudo abrangente que se estende do período colonial aos primeiros anos da República, registra os valores, costumes e tradições com riqueza de detalhes, tanto na casa-grande, quanto no sobrado, na senzala e no mucambo. É um dos poucos estudos históricos e interpretativos do Brasil que volta os olhos ao âmbito da vida privada, da intimidade da família; no momento em



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017
3 - 8 Diciembre / Montevideo
Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

que Freyre o escreveu, as atenções estavam voltadas aos termos da vida política e econômica, como afirma Luiz Roncari em *O Brasil de Rosa* (2004) e os aspectos da vida privada pareciam delegados ao romance (RONCARI, 2004, p.20). Freyre também é um dos primeiros a transformar a negatividade com que era vista a miscigenação étnica da cultura brasileira. Para as teorias racistas a fusão entre as três matrizes, indígena, africana e europeia era vista como uma degeneração para a raça branca. Resguardadas as contribuições de Freyre para os estudos sociológicos é necessário fazer algumas ressalvas a respeito da sua forma de abordar a relação entre negros e brancos. Florestan Fernandes, na obra *O negro no mundo dos brancos* (1972), aponta algumas tensões nas quais Freyre acabou esbarrando ao tentar apontar as contribuições que a mistura de raças ocasionou para a formação do brasileiro, trata-se da docilidade com que viu determinadas relações. O autor descreve quadros nos quais paira uma atmosfera de harmonia, como a relação sem preconceito entre a mulata e o português, a forma carinhosa com que a ama de leite tira o bicho de pé do menino branco, e deixa que a docilidade dessas cenas suavizem a tirania que existe na submissão do negro em relação ao branco. Como Florestan Fernandes afirma, Freyre criou o mito de uma opressão cordial, atitude que considera cínica e cruel, pois tenta abrandar o atrito e as tensões entre o escravo e seu proprietário, o que acaba criando um preconceito racial ainda mais difícil de ser identificado, uma vez que ameniza a crueldade do senhor e cria a falsa ideia de uma democracia racial. Essa breve explanação a respeito da visão de Gilberto Freyre serve de ponto de partida para analisar o conto de João Guimarães Rosa, *Dão- Lalalão (o devente)* que faz parte da composição da obra *Corpo de Baile* (1956). Pode-se dizer que o narrador do referido conto sofre do mesmo problema de percepção que o sociólogo: uma visão adocicada em relação a determinadas questões sociais, raciais e entre gêneros, uma visão de mundo que não advém de um jeito Pollyana de ver a realidade, na qual não há ingenuidade ao amenizar os problemas da vida real, mas trata-se de uma dificuldade de sair do lugar social que ocupa, ser homem - ser branco e não ser pobre - para compreender a realidade do outro. Em relação à obra de Freyre, trata-se de um ponto a ser sempre ponderado quando é tomada como fonte teórica. Porém, no que diz respeito à obra de Rosa, essa forma de conduzir a história por esses narradores portadores de um tipo de miopia social, confere ao texto maior complexidade: a construção desses narradores que chamaremos de cínicos é uma camada a



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017
3 - 8 Diciembre / Montevideo
Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

mais de significação, pois, de certa forma, manipulam o leitor de tal modo que ele não percebe as tensões e atritos que estão inseridas nas relações dos personagens. No conto que aqui analisaremos, assim como em todos os contos de *Corpo de Baile*, temos narradores que se colam muito de perto com o herói da história, acompanham suas ações exteriores e também seus pensamentos, a introspecção fica limitada ao protagonista da história. É a partir da visão de Lélío, personagem da obra em questão, que contemplamos o Pinhém, assim como as elucubrações sobre as razões e consequências das ações dos demais personagens.

O objetivo específico desse trabalho será analisar a imagem que é construída da prostituição no conto. Será um trabalho sinuoso, pois o que se tentará apanhar é um significado da história que está por debaixo dos fatos banais que são contados por esse narrador, ou até mesmo, por de trás de suas omissões diante de alguns acontecimentos. Tendo em mente essa dificuldade de se apreender os significados da obra de Rosa, Luiz Roncari, na introdução de *O Brasil de Rosa*, procura esquematizar a origem da complexidade da obra rosiana e aponta a existência de basicamente três camadas de significação, as quais são oriundas de três tipos de fontes principais:

(...) uma empírica, dada pela vivência direta da região e do país; outra mítica e universal, adquirida na leitura da literatura clássica e moderna, e outra nacional, apoiada não só na nossa tradição literária, mas também nos velhos e novos estudos e interpretações do Brasil, efervescentes em seu tempo. (RONCARI, 2004, p. 17)

Sobre as obras que serão objeto de estudo desse trabalho, muitas análises foram feitas tentando rastrear as três camadas apontadas por Roncari, principalmente a investigação da face mítica da obra de Rosa; são trabalhos com os pés na psicanálise que procuraram rastrear os arquétipos do inconsciente coletivo, as imagens primordiais (padrões de comportamento repetem pelas gerações) na obra do autor. Nesse viés Surupita é relacionado com a pulsão de Tanatos e Doralda a de Eros, o amor e a morte, Lélío e Lina como a atração entre mãe e filho, como prevê o complexo edipiano. Porém consideramos arriscado tomar apenas essa face da obra de Rosa como norte para uma análise, pois o autor não parece tirar do Olimpo esses personagens da mitologia e colocá-lo no sertão nordestino, para que representem suas histórias como vêm representando há séculos da mesma forma. A Afrodite de *Dão-Lalalão* está prostituída num bordel de Montes Claros



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017
3 - 8 Diciembre / Montevideo
Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

e de lá é resgatada por um patriarca, ex-jagunço, marcado de cicatrizes. O Édipo de *A estória de Lélío e Lina* vaga pelo sertão e não é filho de nenhum rico e nem adotado por nenhuma família rica, chega ao Pinhém sem possuir nada e a atração que sente por Rosalina é motivada por razões um tanto nebulosas. Dessa forma as razões que motivam esses personagens e os destinos que lhes são conferidos nos colocam para pensar sobre a face universal da obra de Rosa, ao colocar o mítico no sertão patriarcal, o autor parece tencionar a questão do regional e do universal, e a própria problematização advinda desse choque já é em si uma proposta de interpretação do Brasil, é a terceira camada apontado por Roncari. O objetivo desse trabalho será o de perceber a interpretação de Brasil que Rosa está apontando no conto *A estória de Lélío e Lina*, mais especificamente, como a imagem que é formada da prostituta revela uma forma de ver e agir no mundo do protagonista.

PINHÉM: A ILHA DOS AMORES

O início do conto *A estória de Lélío e Lina* relata a chegada de Lélío ao Pinhém em busca da história do pai, seu Higino, já falecido, que abandonou a esposa e o filho atrás de uma mulher desse lugar. No caminho para o Pinhém Lélío encontra muito gado magro e plantações ralas, fruto da miséria e da seca, porém quando lá chega, é como se tivesse chegado a um oásis no meio do sertão, pois no:

(...) Ribeirão do Pinhém, e no São Bento, era a felicidade de terrão e relva, em ilha farta – capões de cultura alternando com pastagens de chão fosfado, calcáreo, salitrado – quase tão rica quanto as do Urubùquaquá e do Peixe-Manso. (ROSA, 1969, p.138)

A forma amistosa como Lélío é recebido pelos vaqueiros e até mesmo pelo proprietário, seu Senclér, indicam que a harmonia também estava presente nas relações entre as pessoas. Os prazeres da carne também podem ser vivenciados de forma intensa no Pinhém, afinal, a terra próspera permite que os moradores do lugar se entreguem mais a esses deleites, lugar onde até mesmo as prostitutas não cobram nada de seus clientes. Dessa forma o quadro que se forma diante do leitor é



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**
3 - 8 Diciembre / Montevideo
Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

de uma verdadeira ilha dos amores, onde inclusive o patriarca, seo Sencler, parece manter uma “soberania não opressiva”, como afirma Luiz Roncari:

O seo Senclér era o patriarca da fazenda, que se distinguia dos vaqueiros por ser o proprietário, mas mantinha uma soberania não opressiva, vivendo a mesma determinação dos demais, mais amorosa do que econômica. Como eles, seo Senclér estava mais preocupado com os namoros do que com a labuta árdua em busca de rendimentos da propriedade, tanto, que estava arruinado. (RONCARI, 2004, p. 194)

Porém, esse clima de equilíbrio que paira pelo Pinhém é um tanto incômodo, pois é difícil não questionar como os seus moradores vivem tão descontraídos quando o futuro é incerto para todos: seo Senclér estava falido, faltava pouco para um novo proprietário administrar a fazenda.

Pior, mas, era agora: zebú assim, desvalendo, seo Senclér se arrancava pêlo, fio a fio, vivia atrás de dávida e demoratório – ajuda do governo – e acompridava seu desânimo. Mesmo com isso, muita vez praceava alegre festoso, por ser um homem verdadeiramente, sertanejo de coração em cima. Terra do Pinhém, é que era um braço de mundo. Capim gotava leite e boi brotava do chão. (ROSA, 1969, p. 143)

Esse é apenas um dos indícios que nos fazem questionar o verniz de harmonia que cobre o Pinhém. Tentaremos, ao longo do texto, apontar como essa superfície esconde uma série de tensões. A primeira questão a se levantar é a respeito dessa “soberania não opressiva” de seo Senclér que Luiz Roncari vê na narrativa e que, para nós, é sinal de que o crítico caiu num engodo. Preferimos nos referir à forma como seo Senclér se relaciona com os moradores do Pinhém como uma soberania opressiva dissimulada, principalmente na relação que mantém com as mulheres da história, as quais passam pelas mãos do patriarca como se fossem verdadeiras mercadorias.

AS MULHERES DO SEO SENCLÉR

A primeira referência que aparece a respeito das mulheres que seo Senclér leva para o Pinhém está no relato de Delmiro em que narra a origem da Jeni. A Mulata muito bonita que chama



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017
3 - 8 Diciembre / Montevideo
Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

a atenção de todos, foi literalmente comprada por seo Sencler de um homem que lucrava com a prostituição da moça. Seo Senclér a compra e a coloca em uma casinha no Pinhém junto com um sapateiro, segundo Delmiro, “um pobre coitado” (p. 153), para que pudesse se encontrar com a moça sem a esposa desconfiar e sem que o falso marido causasse problemas. Porém Dona Rute descobre e proíbe que ele se encontre com Jeni, mas não demora muito e seo Senclér faz outra manobra para ter relações extraconjugais com outra mulher. Dessa vez é Adélia Baiana, mulher de Ustavo, para a qual, da mesma forma, oferece uma casinha para morar com o marido (esse era um cônjuge autêntico), contudo, dessa vez os coloca em um local mais longe, no retiro do São-Bento, para que a esposa não desconfie dos encontros. É interessante perceber uma questão a respeito dos companheiros dessas mulheres: para Jeni ele escolhe “um pobre coitado”, em relação ao marido de Adélia Baiana, todos os moradores sabiam a respeito dos encontros de seo Senclér com a esposa, mas não sabiam porque Ustavo não se posicionava a respeito. Uma das explicações era que “(...) que êle sabia, mas sendo com o patrão não se importava”, características que mostram como o braço de poder do patriarca se estende para a vida íntima daqueles que moravam em sua propriedade.

Outra mulher que seo Senclér levou ao Pinhém foi Tomázia, uma das tias, as prostitutas do Pinhém que não cobravam nada por seus programas. Na citação seguinte, Lélío pergunta para Tomázia sobre seu passado: “E quem trouxe você p’ra cá? – Lélío indagou. – “Quem? Advinha, só. Não acerta? Pois foi o seo Senclér, mesmo, Bem, Êle já teve rabicho, por mim! Tenho muito lombo...”” (ROSA, 1969, p. 175). Se a opressão de seo Senclér sobre os homens parece leve ou inexistente, o mesmo não podemos dizer da sua relação com as mulheres, nela há um aspecto fundamental do patriarcalismo Brasileiro, o padrão duplo de moralidade:

O padrão duplo de moralidade, característico do sistema patriarcal, dá também ao homem todas as oportunidades de iniciativa, de ação social, de contatos diversos, limitando as oportunidades da mulher ao serviço e às artes domésticas, ao contato com os filhos, a parentela, as amas, as velhas, os escravos. E uma vez por outra, num tipo de sociedade Católica como a brasileira, ao contato com o confessor. (FREYRE, 2000, p. 125)

O comportamento de seo Senclér é o mesmo de Ió Liodoro do conto *Buriti*, o de sair por sua propriedade usufruindo das mulheres que moram em seu território, como se cobrasse regularmente



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**
3 - 8 Diciembre / Montevideo
Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

dessas o favor de deixá-las morar em sua fazenda. O lugar de dona Rute é dentro de casa, preocupando-se com os afazeres domésticos, cuidando do curativo dos vaqueiros e lançando mão de ervas e mezinhas para abrandar o fogo do esposo. Ió Liodoro chega a trazer da cidade a nora Lalinha, depois que o filho a abandona para morar com outra mulher, numa atitude de tentar guardar a nora da possibilidade de se encontrar com outros homens. Como se nota há dois tipos de mulheres nesse universo patriarcal, as mulheres de casa e as mulheres de fora, da rua, segundo Gilberto Freyre, para que existam mocinhas casadoiras e as esposas respeitáveis é necessário que existam as moças da rua, as tias, com as quais os homens têm total liberdade para extravasar seus impulsos sexuais.

AS TIAS

Podemos dizer que as personagens Tomázia e Conceição quebram com o universo de expectativas (JAUSS, 1994, p. 26) do leitor por dois motivos: o primeiro, o estranhamento diante de duas prostitutas que não cobram pelos seus serviços, o segundo pelo fato de existir uma casa de prostituição dentro da propriedade patriarcal. No artigo *Corpos dóceis do Pinhém: leitura foucaultiana do poder em A estória de Lélío e Lina* (2013) os autores Wellington Diogo Leite Rocha e Brenno Carriço apontam algumas das ramificações do poder de Seo Senclér no Pinhém. Para os autores a casa de prostituição da Tomázia e da Conceição desempenham duas funções importantes para a manutenção do poder patriarcal no Pinhém, a primeira é a recreação que Seo Senclér oferece aos vaqueiros, uma motivação para se dedicarem mais ao trabalho, a segunda é a função de preservação das mocinhas virgens da fazenda, “Seo Senclér com a casa de prostituição acaba por preservar as moças casadoiras, ou seja, aquelas em idade de casar”. (ROCHA e CARRIÇO, 2013, sn). Porém é importante salientar que a recompensa do prazer era só permitida aos domingos, para não atrapalhar o andamento das tarefas durante a semana. As tias também trabalhavam muito, não ficavam sem fazer nada durante a semana, eram incumbidas de outras funções na fazenda:



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017
3 - 8 Diciembre / Montevideo
Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

Moravam numa casinha bem estável, à beira do córrego, depois daquela capoeirinha, que se avistava. – “E o seo Senclér deixa? Dona Rute?!” “-Mas elas duas estão aqui na Casa, até quase no diário... Elas é que lavam a roupa toda da fazenda... Tem tempo que trabalham até no eito, ou então em fábrica-de-farinha.” (ROSA, 1969, p. 173)

Pode-se dizer que essa cena é descrita até com traços bucólicos, porém escondem a crueldade da exploração dessas duas mulheres, pois em síntese elas não tem descanso, quando não estão servindo os vaqueiros estão fazendo os serviços da casa-grande ou até mesmo as atividades da roça. Nesse ponto poder-se-ia argumentar, que as mulheres se relacionam com os vaqueiros tanto porque gostam de fazer sexo no dia de descanso, o domingo, quanto pelo carinho que dedicam aos vaqueiros. Entretanto, as duas afirmações podem ser contestadas com uma passagem da narrativa, trata-se talvez do único momento em que as tias estão realmente de folga, é o dia do casamento de alguns moradores do Pinhém.

E também, beira a beira, a Conceição mais a Tomázia aproveitavam companhia de umas mulheres de trabalhadores, de lá elas reparavam nas roupas e nos modos de cada um. A Conceição e a Tomázia hoje estavam mais sérias e bem compostas que nenhuma, davam-se muito ao respeito. O Soussouza introduziu de dizer alguma brincadeira para uma delas, e ela respondeu, cara fechada e com um muxoxo: - “Engraçadinho! Não se enxerga?...” Elas, ares. (ROSA, 1969, p. 205)

Como se pode perceber Tomázia e Conceição se comportam de forma diferente, é como se nesse dia não precisassem interpretar papel nenhum, não precisavam falar sobre o quanto aquele vaqueiro era forte ou o outro viril. Nesse dia também estão livres de seo Senclér, pois a festa também é o dia da despedida da família do patriarca. É um momento único na história do Pinhém, pois os lugares sociais que cada um ocupa podem ser esquecidos, já que o patriarca perdeu sua função, nesse sentido é uma das únicas vezes que se misturavam pobres e ricos, segundo Delmiro “(...) seo Sencler nunca tinha dado festa, e pois então agora dava era por ser certo que ia-s’embora, por isso não estava importante de se misturar com os pobres, só por despedida não tinha dúvida nenhuma” (ROSA, 1969, p. 204).



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017
3 - 8 Diciembre / Montevideo
Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

JENI

Jeni chega ao Pinhém como mercadoria comprada por seu Senclér, como dissemos anteriormente, o proprietário da fazenda e também da moça a coloca para viver com um pobre coitado da fazenda, para que esse não faça qualquer tipo de resistência em relação aos seus encontros com a mulata. Porém a esposa descobre e logo acaba com a relação, então Jeni passa a morar com Tomé, Delmiro salienta que a relação tem não mais que dois meses. A moça então passa a se encontrar com Lélío enquanto Tomé viaja, são encontros intensos, nos quais os amantes nem ao menos conversavam:

Os dois caíam um no outro, se reajuntavam com fome fúria, como um fim. (...) A Jeni era trago desprendido de cálice ou garrafa, uma tonteira de se beber. Não falavam, por assim. Ela não falava. Às vezes, de sofôgo, soltava entre dentes: - “Faltam seis dias, para ele voltar...” (ROSA, 1969, p. 198)

Lélío, contudo, começa a sentir que Jeni não esboça por ele o menor afeto, apenas o vê como um objeto. “Às vezes Lélío tinha receio. Não havia mingó amor, não sentia que ele mesmo fosse para ela uma pessoã, mas só uma coisa apreciada no momento, um pé de pau de que ela carecesse.” (ROSA, 1969, p. 198). É como se Jeni, que sempre foi usada como mercadoria, fizesse com Lélío a mesma coisa. O desconforto que esse sente não está relacionado a uma paixão, a um amor não correspondido, sempre que Lélío olha para a mulata sente atração por seu corpo, mas pelo fato de estranhar o papel que está desempenhando como homem, o de mercadoria dessa mulher. É como se seu ego estivesse ferido, pois ele queria “(...) o fundo do amar da mulatinha.” (ROSA, 1969, p. 198). Um dia Lélío desconfia que Jeni mantém relações com outro homem, fora ele e o marido, e acaba desistindo dos encontros com a mulata. Jeni o procura novamente, porém Lélío não se interessa mais. Tomé, seu marido, vai embora, e a partir desse momento ela passa a se encontrar com diferentes homens, inclusive passa a cobrar pelo sexo. Pode-se dizer que a forma como Jeni se relaciona com Lélío é a expressão de uma vingança contra o processo de reificação no qual essa sociedade lhe insere. A narrativa também deixa pairar que o gesto de se prostituir é um ato de protesto, uma vingança contra os homens que a exploraram, quando se prostitui passa a ser a



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017
3 - 8 Diciembre / Montevideo
Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

administradora do próprio corpo. No final da narrativa ela se casa com um rico fazendeiro, José Ramos Bento Juca, sobre esse fato, o narrador afirma “Diziam que ela estava impossível, só ares de rainha real, e cuspiu no rumo da Casa do Pinhém.” (ROSA, 1969, p. 236). Segundo Rocha e Carriço (2013, sn):

Esse movimento em que Jeni sai da condição de mercadoria do jugo patriarcalista e passa a viver com um homem rico da cidade é encarado como uma metáfora do avanço do capitalismo sob o espaço sertanejo. Assim se completa o ciclo da personagem ao se “emancipar” como mercadoria, fazendo com que tudo fique aos seus pés. A partir do momento em que se casa, a mulata passa a ter propriedade sobre si mesma por meio de um movimento em que conquistou ou comprou sua alforria vendendo o seu corpo, que era o seu principal instrumento de poder.

Mais uma vez, é preciso tomar cuidado com o narrador e com o clima de harmonia que o texto cria para a história que esta sendo contada. Jeni praticamente não tem voz, tudo o que sabemos dela advém desse narrador que interpreta segundo seu ponto de vista as atitudes da personagem. Por tanto dizer que quando a personagem se prostitui está agindo por vontade própria pode ser uma afirmação oriunda de uma visão distorcida dos fatos, pois na verdade a prostituição pode ser, na verdade, a única alternativa para essa mulher, que, mesmo antes de ser comprada por seu Senclér era explorada por um homem que ficava com os lucros de seus encontros sexuais com outros homens. Depois, passa a ser sustentada por seu Senclér em troca de sexo, até Dona Rute descobrir os encontros do marido. Jeni então passa a morar com Tomé e a depender dele, porém é quando esse vai embora que Jeni começa a se prostituir, é o momento em que não tem mais nenhum homem para a proteger. Porém, a situação não se delonga por muito tempo, Jeni é uma mulher muito bonita e logo aparece um fazendeiro que se apaixona por ela. Diante de tal fato ela engendra a situação de tal forma que consegue transformar sua condição, sair da marginalidade social em que se encontrava. Com o fazendeiro não quer apenas um relacionamento informal, mas exige um casamento de papel passado: “Só se casar, assente, se quiser, em escrivão e igreja...” e afirma “O fumo bom, por si se vende” (ROSS, 1969, p. 36). A frase de Jeni diz muito da sociedade na qual está inserida, ela não tem um pai que encontre um bom casamento para ela, mas mesmo assim ela consegue saltar desse mundo, o Pinhém, que está prestes a naufragar. Diante das possíveis razões



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017
3 - 8 Diciembre / Montevideo
Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

que movem Jeni, diante da situação que a propriedade do Pinhém se encontra, prestes a ser vendida, é importante questionar a afirmação de Rocha e Carriço, de que Jeni “(...) conquistou ou comprou sua alforria vendendo o seu corpo (...)”. Jeni não se emancipa, Jeni não se alforria, apenas teve como mulher bonita a oportunidade se realocar nesse contexto patriarcal que dá poucas opções à mulher, o casamento, a prostituição ou a vida religiosa. Pela alternativa do casamento apenas teve a chance de sair de um lugar marginalizado e passar a ser mais bem vista pela sociedade. Porém Jeni continua sob a tutela de homem, sob a proteção de um homem, por isso a ideia de emancipação é questionável.

Tomázia e Conceição não têm a mesma sorte que Jeni teve, para elas não se abre nenhum leque de possibilidade de escolha, pelo contrário, a opressão que antes era oriunda de seo Senclér, uma opressão que morava na casa-grande, com uma certa distância espacial, passa a morar dentro da própria casa delas. Na segunda parte do conto, que é iniciado com três asterisco, onde é narrado o destino de alguns dos personagens depois que seo Senclér e Dona Rute foram embora do Pinhém, o destino de Tomázia e Conceição é revelado. Pernambuco, que no início da narrativa já tinha esboçado a vontade de administrar a casa das tias para cobrar dos vaqueiros, passa a comandar a vida das duas: “Ou, o Pernambuco, que passara a dormir em casa das Tias, e gostava de determinar o regulamento em que os outros podiam estar com a uma e com a outra (...)” (ROSA, 1969, p.190). Entre todos os moradores do Pinhém, depois da falência da fazenda, é certo que elas tiveram o pior destino, o de continuarem sendo exploradas por um homem. É importante não esquecer Caruncha e Toloba, duas personagens que aparecem pouco na narrativa e que tem nomes muito significativos. Caruncha nos remete ao inseto que se alimenta de madeiras e cereais, o caruncho, o qual também pode ser chamado de gorgulho, e é impossível não lembrar do personagem do conto *O recado do morro*. Gorgulho e Caruncha vivem apartados da sociedade, no mato, ele é surdo, ela é muda, ambos fora dessa estrutura patriarcal, assim como Toloba, nome cujo significado é de pessoa fora da razão. Do destino das duas não temos conhecimento, o que é ainda mais inquietante, pois extinto esse universo arcaico, que as deixa vagarem por ali, pois afinal não contribuem e não atrapalham, é difícil imaginar um lugar para elas, um lugar para a falta de razão e um lugar para o primitivo.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017
3 - 8 Diciembre / Montevideo
Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

CONCLUSÃO

Tentamos demonstrar como sob uma camada de cordialidade na obra *A estória de Lélío e Lina* há uma crueldade causada pelo preconceito de gênero e de cor. Nesse universo as pessoas estão procurando o galho mais alto para se livrar do lodo que Soropita tem aversão. Atrás das cores alegres da fazenda do Pinhém, as colunas estão sendo corroídas e cada um corre para se arranjar da maneira que der. Um exemplo é Mariinha, que num rompante, numa última tentativa, implora pelo amor de seo Senclér “– Me leva, me leva junto!” (ROSA, 1967, p. 242). A frase que Doralda fala para Soropita “Um dia eu deixar gostar de você, Bem, tu me mata?” (ROSA, 1967, p. 12) resume o destino de Jeni, de Tomázia, de Conceição, de Doralda, de Analma e quase o destino de Mariinha, as quais tentaram mudar de realidade, mas não puderam ir muito longe da pergunta submissa que Doralda faz para Soropita, não tiveram voz para mais do que isso. Também tentamos demonstrar como a idealização do mundo da prostituição nas duas obras serve de azeite para as engrenagens do mundo da opressão patriarcal, que tem como centro de recreação o prostíbulo. Afinal para Soropita, seo Senclér, Delmiro, Pernambo, Lélío etc acreditar que as prostitutas estão ali por que querem e ali elas são livres e felizes os desabona de qualquer dívida.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

REFERENCIAS BIBLIGRÁFICAS

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Difel, 1972.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

ROCHA, Wellington Diogo Leite e CARRIÇO, Brenno. **Corpos doces do Pinhém: uma leitura foucaultiana do poder em “a estória de Lélío e Lina”**. [Zunái -Revista de Poesia e Debates](http://zunai.com.br/post/69382023215/perisc%C3%B3pio-6), 2016. disponível em: <http://zunai.com.br/post/69382023215/perisc%C3%B3pio-6>. Acesso em 18/07/2016.

RONCARI, Luiz. **O Brasil de Rosa: o amor e o poder**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

ROSA, João Guimarães. **Noites do Sertão**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1967.

ROSA, João Guimarães. **No Urubùquaquá, No Pinhém**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio